

Abstract: Partindo do fato de que a Eucaristia é a fonte e o cume da vida cristã, o autor apresenta uma síntese da teologia e da prática eucarística. Adverte para a importância da mesa da Palavra, da qual os fiéis se alimentam como se alimentam do Corpo de Cristo, e chama a atenção para a ação do Espírito nos sacramentos, de modo especial neste, chamado o "santíssimo Sacramento". Reflete sobre o que significa a Eucaristia como "ceia do Senhor" e como "ação de graças". Estuda também o caráter sacrificial da Missa, "sacrifício da nova Aliança", e mostra como na Eucaristia se manifesta a "presença do Ressuscitado". Demonstra igualmente como "Eucaristia é lava-pés, diaconia, serviço, em favor dos irmãos", e como a sua prática é "compromisso de transformação". Aborda, ainda, a dimensão escatológica deste sacramento, "certeza de vida eterna", e conclui refletindo sobre a Eucaristia como "sacramento da unidade".

The Eucharist is described as the fundamental principle of Christian life and full achievement of religious perfection which is grasped of what a synthesis of theological studies on the Church doctrine is setting forth. Special attention is drawn to the communication of the word of God which nourishes the faithful through spiritual food distributed in Holy Communion. Thus the Eucharist brings about the union with God by means of the liturgy of divine praise and the sacrifice of thanksgiving. Further theological insight is to be found by considering the Eucharist in the light of both "the Lord's Supper" and "the Eucharistic action". Another topic is the Holy Mass as a liturgical act of sacrifice which ratifies the new Covenant. The Eucharist is to be seen as well as a visible sign of Christ's presence as the risen Lord. Even the ritual of the washing of the feet recalls not only a concrete moment of the Last Supper but draws attention to the pastoral work (diakonia) as the Church's work for salvation of the brethren as a commitment to transformation and not merely to social assistance. Lastly, the eschatological dimension of the Eucharist is reflected upon in a prospective view of the "certainty of eternal life" and thus the "sacrament of unity" anticipates the permanent status of one's own existential situation on earth and in heaven.

Eucaristia: Pão para a Vida do Mundo

*Valter Maurício Goedert**

* O Autor, Doutor em Teologia Litúrgica, é Professor no ITESC em Florianópolis e no Studium Theologicum de Curitiba, e Diretor da Escola Diaconal da Arquidiocese.



Introdução

Como fonte e cume da vida cristã, a Eucaristia torna-se imensamente mais que uma celebração ritual do cristianismo. Só existe uma fonte de água viva, que jorra para a vida eterna: Jesus Eucarístico. É preciso dela beber, entrar em contato com ela para se transformar, por sua vez, em fonte permanente de água viva (Jo 7,37-38). Deixar de participar da Eucaristia equivale a desligar-se da fonte perene da salvação.

A Eucaristia é igualmente cume da vida cristã: escola do amor. A comunhão sacramental constitui uma necessidade cotidiana para se viver o novo mandamento: “*Dou-vos um mandamento novo: que vos ameis uns aos outros*” (Jo 3,34). O amor inaugura um novo modo de viver, de agir. Jesus-Eucaristia constitui alimento vivo e verdadeiro; *quem comer desse pão viverá eternamente* (Jo 6,51). Nele encontramos a força necessária para enfrentar os desafios da vida diária. A conversão começa pelo nascer da água e do Espírito, e culmina na participação na Eucaristia.

Este alimento, no entanto, não produz apenas uma transformação da pessoa, individualmente; como sacramento da unidade, aprofunda a comunhão entre os cristãos. O empenho em participar dignamente deste sacramento é necessário demonstrar no relacionamento com as pessoas no dia-a-dia. No trabalho diário continuamos o sacrifício do altar, o qual se prolonga, desse modo, na vida. Frequentemente é mais difícil realizar o sacrifício de oferta do cotidiano, dos nossos conflitos, de nossas dificuldades do que celebrá-lo dentro de uma igreja.

Neste artigo, pretendo propor algumas reflexões mais amplamente desenvolvidas em meu livro **Eucaristia – Pão para a Vida do Mundo** – publicado pelas Edições Paulinas¹ como parte da coleção sobre os sacramentos, e destinado particularmente à catequese de adultos. Trata-se de uma reflexão aberta a ulteriores considerações, mesmo porque o Mistério Eucarístico é, por excelência, fonte inesgotável da teologia e da vida cristã.

1 – Eucaristia: Fonte e Ápice

“Na última Ceia, na noite em que foi entregue, nosso Salvador instituiu o sacrifício eucarístico de seu Corpo e seu Sangue. Por ele,

¹ GOEDERT, Walter Maurício. *Eucaristia, Pão para a vida do mundo*. São Paulo: Paulinas, 2004, 63 p.



perpetua pelos séculos, até que volte, o sacrifício da cruz, confiando à Igreja, sua diletta esposa, o memorial de sua morte e ressurreição: sacramento de piedade, sinal de unidade, vínculo de caridade, banquete pascal, em que Cristo nos é comunicado em alimento, o espírito é repleto de graça e nos é dado o penhor da futura glória” (SC 47).

Fonte e ápice de toda a vida cristã, a Eucaristia constitui o clímax tanto da ação pela qual, em Cristo, Deus santifica o mundo, quanto do culto que no Espírito Santo os homens prestam a Cristo e, por ele, ao Pai (*Eucharisticum Mysterium*, 6). Ao afirmar que é fonte e ápice, o Concílio Vaticano II evidencia a existência de atividades cristãs e eclesiais que antecedem e que seguem a celebração eucarística. Nascido da água e do Espírito Santo (Jo 3,5), o cristão tem necessidade de ser continuamente alimentado. A fé, a esperança e a caridade, virtudes conferidas pelo Batismo, mais do que “forças” (virtus) identificam a presença do Espírito, o mesmo que transforma o pão e o vinho no Corpo e no Sangue de Jesus, entregues em alimento para a vida do mundo.

“Agindo soberanamente, Jesus se apresenta como um ser que domina seu destino e que assegura a vida a seus discípulos. É em seu próprio nome que, fazendo os gestos de dom da ceia, confere aos elementos abençoados, que ele reparte, um significado único. Por suas palavras, Jesus atribui à sua pessoa e à morte em que culmina seu ministério o poder de mudar a situação dos homens frente a Deus. Sua missão, embora concluindo-se nas trevas de uma traição mortal, faz entrar no universo da aliança o povo que uma longa história de infidelidade mantinha até aqui, numa expectativa indefinida”².

“A natureza da Igreja, afirmam os bispos do Brasil, se torna evidente na Eucaristia. De fato, o pão que partimos é a comunhão com o Corpo do Senhor. E, uma vez que há um único pão, nós, embora sendo muitos, formamos um só corpo, porque todos comemos de um mesmo pão. Assim Cristo é o vínculo profundo de união de uma comunidade e aquele que une na comunhão todas as comunidades eclesiais, que somente podem ser Igreja de Cristo, enquanto permanecem unidas, nele e por ele, a todas as outras comunidades” (CNBB, doc. 40, n. 60).

A assembléia eucarística é verdadeiramente manifestação da Igreja. Todos são celebrantes em torno de Cristo, sumo e eterno sacerdote. O

2 LÉON-DUFOUR, Xavier. *O partir do pão eucarístico segundo o Novo Testamento*. São Paulo: Loyola, 1984, p. 80.



presbítero que preside está à frente de uma comunidade ministerialmente diversa, que participa ativa e conscientemente do mistério celebrado. Afirma o missal romano: “A celebração da Missa, como ação de Cristo e do povo de Deus hierarquicamente ordenado, é o centro de toda a vida cristã tanto para a Igreja universal como local e também para cada um dos fiéis” (IGMR, 1; SC 41).

Celebrada numa Igreja viva, a Eucaristia não constitui apenas um momento qualquer da experiência eclesial, senão o ponto culminante dela. Sinergia entre a ação de Cristo e a da Igreja, constrói a comunidade eclesial. Ao afirmarmos que a Igreja faz a Eucaristia, não asseveramos que seja simplesmente fruto da decisão de um grupo de pessoas; pelo contrário, embora as pessoas dela participem ativamente, ela é, sobretudo e em primeiro lugar, dom de Cristo para sua comunidade. Ele nos oferece, primeiramente, a fé e a palavra e, depois, nos concede sua própria presença no maior de todos os sinais de unidade, a fim de que tenhamos força para plasmar seu Corpo, a Igreja.

Na Missa, a Ceia do Senhor, o povo de Deus é convocado e reunido para celebrar a memória do Senhor, o Sacrifício Eucarístico. Em torno da mesa eucarística formamos a assembléia do Senhor ressuscitado reunida para o louvor de sua glória. Somos convocados, isto é, Deus nos chama para tomar parte no Sacrifício da nova e eterna aliança em seu Sangue, celebrada uma vez para sempre no altar do seu Corpo.

Na comunidade reunida pelo Senhor, o cristão escuta a Palavra que liberta e salva, oferece com os dons do pão e do vinho o trabalho, o sofrimento, as alegrias, os desencontros, mas, acima de tudo, a esperança num mundo melhor, alimentado pelo Pão da vida. Pela força do Espírito entra em comunhão com Deus e com os irmãos para, em seguida, lançar-se à missão. A Missa termina onde começa a missão! “Ide em paz” não é um convite para o individualismo e o anonimato no mundo secularizado e despersonalizado, mas para que, juntos, como discípulos do divino Mestre, percorramos as estradas da nova evangelização.

Proclamar a morte do Senhor é anunciar com autoridade o que o acontecimento salutar e histórico realizou. Celebrar a Eucaristia é *proclamar a morte do Senhor até que ele venha* (cf. 1Cor 10,16). Significa tornar presente o ato salvífico de Jesus, enquanto esperamos sua vinda definitiva. “Os batizados que reconhecem na cruz e no amor de Cristo o princípio de sua existência de fé, encontram na refeição do Senhor a possibilidade de exprimir sem cessar e de reconfortar sua nova vida na



união do mistério daquele que morreu e ressuscitou por nós. Portanto, celebrar a Eucaristia é renovar a participação na morte de Jesus, é proclamar o alcance permanentemente libertador, redentor, reconciliador desta morte”³.

Em sua Carta Apostólica *Novo Millenio Ineunte*, João Paulo II acentua a importância espiritual da celebração dominical da Eucaristia: “Ao congregar semanalmente os cristãos como família de Deus à volta da mesa da Palavra e do Pão de vida, a Eucaristia dominical é também o antídoto mais natural contra o isolamento; é o lugar privilegiado, onde a comunhão é constantemente anunciada e fomentada. Precisamente mediante a participação eucarística, o dia do Senhor torna-se também o *dia da Igreja*, que poderá, assim, desempenhar de modo eficaz sua missão de sacramento de unidade” (cf. n. 36).

2 – Eucaristia: Escuta da Palavra

“A Igreja sempre venerou as divinas Escrituras, da mesma forma como o próprio Corpo do Senhor, já que, principalmente na sagrada liturgia, sem cessar toma da mesa tanto da palavra de Deus quanto do Corpo de Cristo, o Pão da vida, e o distribui aos fiéis” (DV, 21). Com essa afirmação do Concílio Vaticano II, torna-se evidente a relação íntima entre a Palavra e a Eucaristia. Duas mesas: um único alimento. Cristo nutre, é princípio de vida, que sustenta o povo de Deus a caminho da terra prometida. É igualmente fonte, de onde jorram rios de água viva (Jo 7,38).

“Como a chuva e a neve descem dos céus e a ele não retornam sem haver regado a terra e sem a ter fecundado e feito germinar, para que ela dê a semente ao semeador e o pão que é comido, assim também a palavra que sai de minha boca não retorna sem resultado, sem ter feito o que eu queria, e levado a efeito sua missão” (Is 55,10-11).

Cristo-Palavra conduz ao Cristo-Pão. A palavra que arde nos corações dos fiéis também os introduz no mistério da Ceia. Movidos pela palavra do Ressuscitado, ousamos pedir: “*Fica conosco, pois a tarde cai e o dia declina*” (Lc 24,29). Em cada celebração da Eucaristia somos fortalecidos por Cristo-Palavra, que se torna pão. A palavra é espírito e vida (Jo 6,63).

3 Id., *ibid.*, p. 256.



A liturgia da palavra e a liturgia eucarística formam, pois, um único ato de culto (SC, 56). A Igreja alimenta-se com o Pão da vida na mesa da palavra de Deus e do Corpo de Cristo na ceia eucarística. Na Palavra, anuncia-se a aliança divina; na Eucaristia, renova-se esta mesma aliança. Na Palavra, recorda-se a história da salvação; na Eucaristia, a mesma história se desenvolve por meio de sinais sacramentais. A palavra conduz à eucaristia (CNBB, doc. 52, n. 28).

A Palavra acolhida deve cair no fundo do coração, ser assimilada e nutrir a vida nascente (Ez 3,1-3). Como resposta, brotará um pedido de perdão, uma oração de ação de graças e, acima de tudo, o propósito de uma vida nova. A Igreja é chamada a identificar-se com a Palavra que anuncia. O desígnio de Deus não se completa, não atinge seu objetivo último, enquanto a comunidade eclesial, e cada um dos fiéis, em particular, não responderem ao apelo divino para um compromisso sério e duradouro.

Por isso, a liturgia da Palavra não deve ser considerada apenas um prelúdio, um preâmbulo da celebração. Já constitui comunhão com o Verbo de Deus na fé e no amor, tão necessária quanto a comunhão eucarística. Ambas se inserem uma na outra também no sentido e no conteúdo propriamente sacrificial da Missa, porque, quando existe em nós a acolhida da fé, igualmente é gerada a obediência da fé. A comunhão com a Palavra faz nascer em cada fiel a mesma atitude daquele que se ofereceu em sacrifício, fazendo-se *obediente até a morte e morte de cruz* (Fl 2,8). O Servo que se imola pelos irmãos também os convida a se imolarem uns pelos outros.

A Palavra lembrada e realizada no sacramento deve transformar a existência e expandir-se em vida santa. A celebração está sempre transformando a palavra em prece, em súplica, a fim de que se realize no mundo e na Igreja e em cada um de seus membros. A Igreja celebrante tem o privilégio dessa presença de Jesus. Onde está a Igreja, aí encontra-se a Palavra de Deus, Jesus Cristo, luz dos povos. O Pai envia sua Palavra como salvação; Cristo entrega seu Corpo como alimento. A Palavra purifica; o Pão sustenta. A Palavra ilumina; o Corpo fortalece. A Palavra aponta o caminho; o Corpo sustenta na caminhada. A Palavra é fonte de vida; o Corpo no-la dá em abundância.

O Espírito Santo atua em toda a história da salvação desde a criação (cf. Gn 1,2) até a consumação (cf. Ap 22,17). É ele que torna presente a Palavra de Deus e a faz dar frutos no coração dos fiéis. Ele inspirou os autores sagrados, e continua animando a comunidade eclesial preparando-a para a missão.



A Igreja presencializa a Palavra para os homens de todos os tempos. O tempo da Igreja é aquele em que o Evangelho é dado a conhecer a toda criatura. Este é o tempo favorável à conversão (2Cor 6,2). A Igreja é o templo em que a Palavra de Deus não cessa de ecoar. O ministério da Palavra pertence, pois, à própria estrutura da Igreja. Para a Igreja, observar sua integridade é mais que guardá-la com fidelidade e interpretá-la corretamente: significa pô-la em prática na vida diária. A Igreja não domina a Palavra, mas é sua servidora fiel. Guardar a Palavra significa, antes de tudo, deixar que ela dê frutos de salvação.

A Palavra de Deus é recebida pela Igreja, na Igreja e, por meio dela, Deus comunica sua Palavra a nós e por nós. Torna-a presente e eficaz. Na Igreja e com a Igreja Deus perpetua em meio aos homens seu desígnio de salvação. A escuta da Palavra faz nascer a fé, fortalece a esperança, alimenta a caridade. Deus não nos lega um livro, mas a Palavra. É preciso deixar-se modelar por ela.

Somente, então, seremos anunciadores da Palavra, porque testemunhas assíduas e convictas do Evangelho. Transmitiremos a Palavra libertadora, da qual nós próprios já experimentamos o poder de transformação. Identificamo-nos com a Palavra anunciada. Seremos, em sentido pleno, servidores da Palavra e a proclamaremos com a autoridade que nasce especialmente da convivência com Cristo.

A celebração da Palavra é um mistério. Uma vez que é Deus que fala a seu povo, já está presente e operante por seu Espírito, no coração de cada um (SC 7 e 33). A Palavra não consiste em palavras. É o próprio Cristo! Para além da mensagem dirigida aos fiéis, há aquele que fala e bate à porta para entrar e fazer em nós sua morada (Ap 3,20).

3 – Eucaristia: Ação do Espírito

“O mesmo Espírito que operou a encarnação do Filho de Deus, que deu sentido à sua morte (cf. Hb 9,14), que o ressuscitou dentre os mortos (cf. Rm 8,11), é que realiza agora o mistério eucarístico. O sacerdote, em nome de toda a comunidade, pronuncia a invocação impondo as mãos sobre o pão e o vinho”⁴.

O tempo da Igreja é essencialmente o tempo da missão, do testemunho, do querigma. O Espírito Santo é fonte permanente da missão,

4 ALDAZÁBAL, J. *A Eucaristia*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 265.



do anúncio de Jesus Cristo. Pela Igreja, Cristo é reconhecido como enviado do Pai, que assumiu a condição humana para nos unir à sua natureza divina. O Espírito porá em evidência na Igreja e em cada cristão os ensinamentos do Senhor e fará amadurecer o testemunho não apenas como repetição de conceitos religiosos e morais, mas como anúncio da salvação. Cada obra que praticamos tem na origem a intervenção do Espírito que, ao mesmo tempo, a conduz à perfeição.

Sendo o amor do Pai e do Filho, o Espírito Santo une a diversidade das Pessoas divinas na unidade da natureza. A comunhão familiar da Santíssima Trindade é obra do Espírito. No mistério da encarnação, o mesmo Espírito une numa só Pessoa, Jesus Cristo, Filho de Deus, a natureza divina e a humana. Na celebração da Eucaristia, transformando o pão e o vinho no Corpo e no Sangue de Jesus, o Espírito gera a unidade da Igreja, de tal modo que a diversidade de povos, línguas e nações formem uma só comunidade na fé, a Igreja de Deus, e a mantém na unidade. Sem a ação do Espírito, a Igreja torna-se “babel”, isto é, lugar de confusão.

O Espírito Santo é alma da Igreja, princípio de unidade e de diversidade. O mesmo Espírito gera a Eucaristia e a Igreja. Cristo e seu Espírito são conjuntamente fundadores da Igreja. Jesus presente na Eucaristia por obra do Espírito atinge o mais íntimo das consciências e estabelece entre os membros da comunidade eclesial a solidariedade e a comunhão. Desse modo a Igreja cresce, sem perder a coesão interna.

Jesus, quando anuncia e promete o Espírito Santo, o chama “Paráclito”, literalmente, “aquele que é chamado para estar próximo”, “*ad vocatus*” (Jo 14,16.26). Por isso, é igualmente chamado “Consolador”, enviado pelo Pai, o Deus da perseverança e da consolação (Rm 15,5), sendo Jesus o primeiro consolador (Jo 2,1).

O Espírito é também princípio de santidade. A Eucaristia alimenta a Igreja, a fim de que possa agir como fermento de contínua renovação moral e espiritual, na prática da justiça, da caridade e do serviço. Todos podemos haurir dessa fonte. Vivendo na caridade, que nasce da Eucaristia, a Igreja *passa por este mundo, fazendo o bem*, como Jesus (At 10,38).

A Eucaristia é fonte de santidade porque santo é Cristo, que se dá como alimento. “Eis o pão que os anjos comem transformado em pão do homem” (Sto. Tomás). A Eucaristia nos torna concorpóreos e consangüíneos de Cristo. “Aos fracos deu seu corpo em alimento, aos tristes deu seu sangue por bebida... dele bebei haurindo eterna vida” (Sto. Tomás). A Eucaristia nos faz crescer até a estatura de Cristo (Ef 4,13), a



fim de que possamos afirmar como Paulo: “*Já não sou eu que vivo, mas é Cristo quem vive em mim*” (Gl 2,20). A atuação do Espírito deveria ajudar a Igreja a uma renovação de sua vida comunitária, carismática, sacramental e social.

O Espírito Santo é ainda fonte de catolicidade. A Eucaristia triunfa de todas as divisões e edifica o Corpo de Cristo, no qual não há judeu, nem grego, nem escravos, nem homens livres, mas só filhos do mesmo Pai. A Eucaristia alimenta os cristãos, que não apenas sonham, mas buscam fervorosamente realizar o desejo de Jesus: “*Então, haverá um só rebanho e um só pastor*” (Jo 10,16). Cada fiel deve ser educado para acolher o divino Dom, e, assim, atingir a estatura de Cristo e o verdadeiro conhecimento espiritual. Ser dócil às moções do Espírito é colocar-se à disposição dos apelos da graça.

É o Espírito, enfim, que conduz a Igreja na fidelidade aos Apóstolos. Como na comunidade primitiva, também hoje os cristãos procuram *ser assíduos à fração do pão* (At 2,42), porque a Eucaristia será sempre o laço mais profundo que nos une à Igreja apostólica. Ao redor da mesa do Senhor, juntos como irmãos, os discípulos de Jesus de todos os tempos e lugares, formam uma só família, alimentada pelo único *pão que desceu do céu e dá vida ao mundo* (Jo 6,33). Ao participarmos da Eucaristia, o Espírito que transforma o pão e o vinho no Corpo e no Sangue de Cristo muda também aqueles que o recebem em comunhão, a fim de que sejam discípulos de Jesus e anunciadores do Reino.

“Esta invocação é uma evocação contínua, dentro da oração eucarística, de que a força salvadora de Deus é que atua em nossa celebração, assim como em toda a história da salvação. Não é a comunidade que dispõe de Deus, por mais sagradas que sejam suas palavras e ações, mas sim se coloca à disposição de Deus e de sua iniciativa. A ele, que é Santo, pedimos que santifique estes dons e a comunidade”⁵ (cf. J. Aldazábal, o.c. , p 270).

O dom do Espírito é dom primordial da páscoa do Senhor. Sem ele é impossível celebrar os sacramentos, muito menos a Eucaristia, que é o “Santíssimo Sacramento”. A eficácia das palavras de Jesus pronunciadas na última Ceia não exclui, mas implica a ação do Espírito. Impondo as mãos sobre o pão e o vinho a serem consagrados, a Igreja invoca: “Mandai vosso Espírito Santo, a fim de que as nossas ofertas se mudem no Corpo

5 Id., *ibid.*, p. 270.



e no Sangue de nosso Senhor Jesus Cristo” (Oração Eucarística n. 5). Por obra do Espírito toda a ação litúrgica manifesta e realiza a presença de Cristo, e a memória do mistério salvífico deixa de ser uma piedosa recordação para se tornar um “memorial” da história da salvação.

A ação transformadora do mesmo Espírito, que torna eficaz toda celebração, atinge igualmente a comunidade celebrante, para que alcance o fruto máximo e forme com Cristo um sacrifício-oferta para louvor de sua glória. Aquele que muda o pão e o vinho no Corpo e no Sangue do Senhor, transforma também a Igreja, Corpo místico de Cristo. O Espírito que “faz” a Eucaristia, “faz” também a Igreja.

A vida eucarística é, portanto, comunhão, testemunho e serviço. Impõe ao cristão o compromisso de viver como reconciliado e de anunciar aos outros a graça da comunhão que lhe foi gratuitamente concedida. A ação do Espírito personaliza e interioriza o dom, criando as disposições necessárias para nos tornarmos eucaristia para os nossos irmãos. O Espírito santifica, purifica dos pecados, faz-nos assimilar a palavra de Deus, nos incorpora a Cristo, colocando em cada um de nós os seus sentimentos (Fl 2,5).

4 – Eucaristia: A Ceia do Senhor

“Jesus não quer excluir ninguém da salvação e da comunhão com Deus, e o simbolismo do compartilhar com eles a comida é o mais expressivo na hora de proclamar a boa-nova. Multiplica pães e peixes, converte a água em vinho, aceita convites ou se autoconvide ele mesmo: está anunciando com ações simbólicas o perdão e o amor de Deus. Quando fala do Reino, freqüentemente o faz em chave de banquete festivo ao qual Deus nos convida, como nas parábolas do filho pródigo ou do banquete do Reino. O gesto da refeição é, para Jesus, uma ação profética com a qual quer dar a entender que o Reino vem, que já está aqui, e que vem para todos”⁶.

Cristo não escolheu apenas os símbolos do pão e do vinho, mas também o simbolismo da refeição. De fato, há diferença de significado entre a simples nutrição e a refeição. Refeição inclui convivialidade; é o fato de comer juntos, seguindo determinada ordem, obedecendo a um ritual. Nutrição indica apenas uma necessidade biológica; refeição interpreta uma necessidade humana, social.

6 Id., *ibid.*, p. 39.



Refeição é a humanização do ato de comer. Nela o ser humano procura não apenas saciar-se, mas busca também o prazer, a convivência, a alegria de estar junto com alguém que lhe é familiar. Não constitui apenas um ato necessário, útil, mas também agradável. Realizada normalmente em comum, a refeição reúne pessoas que têm laços afetivos, relacionamentos próximos, comunhão de vida e de ideais. Nesse sentido, refeição implica ar festivo, fraterno, comemorativo de conquistas humanas.

“O dom de Cristo e de seu Espírito, que recebemos na comunhão eucarística, realiza plena e superabundantemente os anseios de unidade fraterna que vivem no coração humano. E ao mesmo tempo eleva esta experiência de fraternidade, que é a participação comum na mesma mesa eucarística, a níveis que estão muito acima da mera experiência de um banquete humano”⁷.

Na Eucaristia, não se trata de uma refeição comum, casual, mas de um sinal escatológico da nova e definitiva comunhão entre a humanidade e Deus. Ela se situa no tempo intermediário que vai da última Ceia, da qual constitui memorial, ao banquete escatológico, definitivo, na Jerusalém celeste, da qual é preparação e antecipação.

“A Missa é ao mesmo tempo e inseparavelmente o memorial sacrificial no qual se perpetua o sacrifício da cruz, e o banquete sagrado da comunhão no Corpo e no Sangue do Senhor”⁸. Afirma Santo Tomás: “Precioso e admirável banquete, salutar e cheio de toda a suavidade! Neste sacramento são perdoados os pecados, crescemos nas virtudes, e a alma se promove com todos os dons espirituais. Oferece-se na Igreja, pelos vivos e pelos defuntos, para que beneficie a todos, o que para a salvação de todos foi instituído”.

O que o alimento material produz em nossa vida corporal, a comunhão eucarística realiza, a seu modo, em nossa vida espiritual. Ao dar-se a nós, Cristo reaviva nosso amor e nos torna capazes de romper os afetos desordenados de nossa vida. A Eucaristia perdoa os pecados, não como substituição do sacramento da Reconciliação, mas como integração plena daqueles que já estão em comunhão com Deus e com a Igreja. Compromete com os pobres, porque a participação no Corpo e no Sangue de Cristo entregues por nós, implica reconhecer Cristo nos mais necessitados, seus irmãos.

⁷ JOÃO PAULO II, *Ecclesia de Eucharistia*, n. 24.

⁸ *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1382.



“A Eucaristia cria a comunhão e educa para a comunhão. Ao escrever aos fiéis de Corinto, Paulo fazia-lhes ver como suas divisões, que se davam nas assembléias eucarísticas, estavam em contraste com o que celebravam – a Ceia do Senhor. Por isso, convidava-os a refletir sobre a verdadeira realidade da Eucaristia, para fazê-los voltar ao espírito de comunhão fraterna (cf. 1Cor 11,17-34). Encontramos um válido eco dessa exigência em Santo Agostinho quando, depois de recordar a afirmação do apóstolo, vós sois o corpo de Cristo e seus membros (cf. 1Cor 12,27), observava: ‘Se sois o corpo de Cristo e seus membros, é o vosso sacramento que está colocado sobre a mesa do Senhor; é o vosso sacramento que recebeis’ E daí concluía. ‘Cristo Senhor [...] consagrou em sua mesa o sacramento da nossa paz e unidade. Quem recebe o sacramento da unidade, sem conservar o vínculo da paz, não recebe um sacramento para o seu benefício, mas antes uma condenação”⁹.

A Eucaristia faz a Igreja e a torna visível como comunhão fraterna em torno de Cristo, presente a partir dela. É o pão de cada dia, o alimento que sustenta na caminhada, que deve durar até que ele volte! Afirma João Paulo II: “A Igreja se realiza quando, naquela fraterna comunhão, celebramos o sacrifício da cruz de Cristo, quando anunciamos a morte do Senhor... e nos aproximamos comunitariamente da mesa do Senhor”¹⁰.

“Se tens sede, bebe da fonte da vida; se tens fome, come o pão da vida. Felizes os que têm fome deste pão e sede desta fonte. Sempre comendo e sempre bebendo, ainda desejam comer e beber. Porque é imensamente doce aquilo que sempre se come e se bebe, e dele sempre se tem fome e sede, sempre se prova e sempre se deseja mais”¹¹.

A comunhão eucarística é encontro de amor e de graça, momento em que se alimenta, se celebra e aflora com especial intensidade a experiência mística dos cristãos. “Para que a intensidade de seu amor ficasse mais profundamente gravada nos corações dos fiéis, lembra Santo Tomás de Aquino, Cristo instituiu este sacramento da última Ceia, quando ao celebrar a Páscoa com os seus discípulos estava prestes a passar deste mundo para o Pai. A Eucaristia é o memorial perene da sua Paixão e cumprimento perfeito das figuras da Antiga Aliança e o maior de todos os milagres que Cristo realizou. É ainda singular conforto que ele nos deixou para os que se entristecem com sua ausência”¹².

9 JOÃO PAULO II, *Ecclesia de Eucharistia*, n. 40.

10 Id., *O mistério e o culto da Santíssima Eucaristia*, n. 4.

11 São COLUMBANO. *Ofício das leituras*, 4ª feira da 21ª semana do Tempo Comum.

12 *Liturgia das Horas*, Festa do Corpo de Deus.



5 – Eucaristia: Ação de Graças

Bênção (*berakah*) é atitude fundamental que perpassa toda a Bíblia, e se relaciona às grandes obras divinas, as maravilhas de Deus (*Mirabilia Dei*). Não se trata de um simples gesto ritual sobre as coisas, mas de ação de graças como resposta aos benefícios operados por Iahweh em favor de seu povo. É como que um “grito de admiração” diante do caráter maravilhoso das obras divinas: “*Celebrai a Iahweh porque ele é bom, porque o seu amor é para sempre! Celebrai o Deus dos deuses, porque o seu amor é para sempre! Celebrai o Senhor dos senhores, porque o seu amor é para sempre!*” (Sl 136)

O rito da páscoa da liturgia hebraica lembra a libertação do êxodo, celebrada em forma de bênção. Ao instituir a Eucaristia no decurso de uma ceia pascal judaica, Jesus retoma a ação de graças de Israel e a plenifica mediante sua nova e eterna aliança, como louvor definitivo ao Pai. Inseriu na ceia pascal seu memorial: “*Desejei ardentemente comer esta páscoa convosco, antes de sofrer; pois eu vos digo que já não a comerei, até que se cumpra no reino de Deus*” (Lc 22,15-16).

Relacionar a narrativa da última Ceia com as várias modalidades de memorial no uso judaico é útil para se compreender sua função celebrativa e teológica. Considerar essa narrativa como um embolismo na oração eucarística, recorda que, para o povo judeu, o memorial é celebrado em obediência ao mandamento de Deus, e se insere no contexto da aliança entre o Senhor e o seu povo. O memorial cristão inclui todas essas dimensões, dado que estiveram presentes na celebração do memorial de Cristo na última Ceia, mas acrescenta um dado fundamental: o memorial da paixão, morte e ressurreição do próprio Cristo.

O pão e o vinho tornaram-se “sinal” do sacrifício de Cristo, nova e definitiva aliança no seu sangue redentor. Comungar aquele pão não significará mais simplesmente celebrar o memorial da saída do Egito, mas entrar em comunhão com Cristo ressuscitado, através do seu corpo e do seu sangue entregues para a vida do mundo. Jesus faz desses sinais e desse gesto o seu memorial, ordenando que seja celebrado: “*Fazei isto em minha memória*” (Lc 22,19).

“A Eucaristia é, portanto, um sacrifício de ação de graças, uma bênção pela qual a Igreja exprime seu reconhecimento a Deus por todos os seus benefícios, por tudo o que realizou por meio da criação, da redenção



e da santificação”¹³. Onde não houver gratidão, o dom eucarístico ficará inibido; onde se celebra a Eucaristia, se tornará plenamente fecundo.

O vínculo entre páscoa e criação fica evidente nas leituras bíblicas da Vigília Pascal, herança da liturgia sinagoga. Páscoa é a festa da luz eterna! Somos cristificados, transfigurados pela glória de Jesus ressuscitado. Celebrar a Eucaristia significa, pois, anunciar o novo céu e a nova terra inaugurados na vitória de Cristo sobre a morte. O Primogênito dentre os mortos inicia esse louvor cósmico. A criação torna-se eucaristia; pão e vinho transformam-se em louvor da glória. O fruto do trabalho dos homens, obra de Cristo. Nascida no coração do Pai, a criação transubstanciada na Eucaristia a ele retorna para louvor e glória de sua graça (Ef 1,6).

A criação encontra na Eucaristia seu sentido pleno. O pão, alimento recebido de Deus, torna-se ceia fraterna; no rito eucarístico, o pão e o vinho, expressão da obra criadora de Deus, transformam-se em corpo e sangue de Jesus Cristo por sua palavra e pela ação do seu Espírito.

A tradição judaica coloca o sacrifício de Isaac em relação direta com a páscoa. O livro dos jubileus, um apócrifo do século primeiro antes de Cristo, afirma que Isaac foi oferecido em 14 do mês de Nisã, à mesma hora em que, mais tarde, se imolava o cordeiro pascal, e a montanha do holocausto foi exatamente o monte Sião. Fazer memória, portanto, é dar graças pela fé de Abraão que fundou o povo da aliança, por sua obediência ao aceitar o sacrifício de seu filho, e pela disposição heróica de Isaac em realizar a vontade de Deus a seu respeito. Em Jesus, o Pai se recorda de sua misericórdia, *como prometera a Abraão e à sua descendência para sempre* (Lc 1,54-55). Abraão e Isaac são figuras do imenso amor de Deus em Cristo.

O êxodo é o coração dessa história libertadora. No deserto do Sinai, Deus põe a mesa para seus filhos e os alimenta com a flor do trigo e com o mel da rocha (Sl 80,17). Ainda no deserto, Iahweh revela seu nome, age com ternura e piedade, adota Israel como filho primogênito. Jesus, o mediador da nova e eterna aliança, põe sua mesa, nos alimenta com seu Corpo e seu Sangue, revela plenamente o Pai, derrama com piedade sua vontade, dá sua vida pela remissão dos pecados e nos torna filhos adotivos pelo dom de sua graça. A páscoa judaica celebra o êxodo de Israel; a páscoa cristã celebra o êxodo de Cristo.

¹³ *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1360.



Para alguns exegetas, não é suficiente o contexto do *Séder* judaico para demonstrar a dimensão pascal da última Ceia. Joachim Jeremias expõe as *contradições* existentes entre o *Seder* judaico e a celebração da última Ceia de Jesus. Conclui, no entanto, que se deva afirmar decididamente que esta acontece numa atmosfera pascal, mesmo no caso de ter acontecido na noite precedente à da Páscoa¹⁴. Para outros, no entanto, é igualmente importante demonstrar que a ceia de Jesus era pascal e que a Eucaristia cristã tem afinidade com o *Séder* pascal. Giraud, por exemplo, é de opinião que existe relação verdadeiramente estreita entre este e a última Ceia e, conseqüentemente, com a Eucaristia cristã, uma vez que Jesus relaciona sua morte com a dinâmica de reconciliação presente nas contínuas alianças de Deus com a humanidade¹⁵.

A Eucaristia é, simultaneamente, o memorial de ambos: ao recordar a libertação do êxodo de Israel, celebra também a morte redentora e a ressurreição de Cristo, pois *todas as vezes que comemos desse pão e bebemos desse cálice anunciamos a morte do Senhor, até que ele venha* (1Cor 11,26). Na caminhada desta vida, Jesus-Eucaristia revela o nome do Pai, “Abba”, põe a mesa para seus filhos e se faz alimento: “O pão dos anjos fez-se pão dos homens, o pão dos céus põe término às figuras. Oh, maravilha: a Carne do Senhor é dada a pobres, frágeis criaturas” (Santo Tomás de Aquino, *Sacris Sollemniis*). Em sua ternura nos chama de amigos; até mesmo *não se envergonha de nos chamar de irmãos* (Hb 2,11). De fato: “esta comida dá força e vida aos que viajam para a casa do Senhor!”¹⁶.

A ação de graças inclui, enfim, o memorial do fim dos tempos. Com fervor eram recitadas as preces do Hallel. A páscoa é a festa mais rica de esperança escatológica e messiânica. Jesus afirma que não comerá mais a páscoa até que ela se cumpra no reino de Deus (Lc 22,16). A Eucaristia constitui o anúncio permanente e a antecipação simbólica da consumação do reino, da festa eterna das núpcias do Cordeiro (Ap 19,7). “Anunciamos, Senhor, tua morte e proclamamos tua ressurreição, enquanto esperamos tua vinda”! Santo Tomás de Aquino canta: “Aos mortais, dando comida, dais também o pão da vida: que a família assim reunida, seja um dia reunida aos convivas lá no céu” (*Lauda Sion*).

14 JEREMIAS, J. *Le Parole dell'Ultima Cena*. Brescia: Paidéia Editrice, 1973, pp. 43 ss.

15 POWER, D. *Teologia della Celebrazione Eucaristica*. Scientia Liturgica, vol. III, Asti: Piemme, 1998, pp. 344-345.

16 Refrão de um canto eucarístico popular catarinense, letra e música de José Acácio Santana.



“Por isso, a ceia futura da comunidade não tem simplesmente a função de tornar os fiéis presentes à morte salvífica de Cristo; ela quer celebrar sua vida nova junto a Deus, enquanto é comunicada aos discípulos. Estes deverão também passar sem cessar da morte à vida. O fato passado e a existência atual certamente não são separáveis, visto que um condiciona o outro (nas afirmações de Jesus, as duas realidades se sobrepõem numa mesma enunciação). Mas o que prevalece é a relação nova Jesus/discípulos”¹⁷.

6 – Eucaristia: Sacrifício da Aliança

Jesus usa imagens sacrificais, evocando aspectos do culto de Israel: sacrifício por causa do pecado e vítima desse sacrifício (cf. Lv 4,1-5,13; 6,17-23); reparação de ofensas (cf. Lv 5,14-16; 7,1-6); sacrifício oferecido por todo o povo (cf. Lv 4,13-21); o sangue é considerado como a *alma* da vítima, sua vida (cf. Gn 9,4; Dt 12,23). Por sua morte, Cristo nos concede com a Eucaristia e a ação de graças a reconciliação de Deus. Tudo provém de Deus; o dom que Jesus faz aos discípulos constitui uma consagração, uma oferta ao Pai por quem foi ele enviado.

A tradição bíblica conhece três principais tipos de sacrifícios, que reassumem, por assim dizer, os inumeráveis sacrifícios das diferentes religiões e culturas: o holocausto, o sacrifício de comunhão, e o sacrifício de expiação. No holocausto a vítima é inteiramente queimada, expressando, assim, o caráter irrevogável do dom como ato de suprema adoração. É oferecido em tempos de súplica e de ação de graças. O sacrifício de comunhão configura-se como oferta de paz, de salvação, de libertação para estabelecer ou restabelecer as relações com Deus: um sacrifício de aliança. A vítima não é inteiramente destruída pelo fogo, mas dividida em três partes: entre Deus, o sacerdote e o ofertante. Indica convívio familiar com Deus; por isso se reveste de um caráter festivo e alegre (Dt 14,26). Uma refeição tomada simbolicamente na presença de Deus; o altar é mesa comum e o fiel permanece como convidado de Deus. O sacrifício de expiação constitui um rito de reparação pelos pecados. Caracteriza-se pelo valor atribuído ao sangue, considerado como a “alma” da vítima, sua vida: “O sangue eu vo-lo dei para fazerdes sobre o altar o rito de expiação para vossas vidas; pois é o sangue que expia por uma vida” (Lv 17,11).

¹⁷ LÉON-DUFOUR, Xavier. Op. cit., p. 82.



O sacrifício de Cristo, singular e irrepitível, transcende todas as categorias sacrificiais antigas e realiza a plenitude espiritual dos sacrifícios judaicos. Cristo, por ter um sacerdócio superior, “*veio como sumo sacerdote dos bens vindouros. Ele atravessou uma tenda maior e mais perfeita que não é obra de mãos humanas, isto é, que não pertence a esta criação. Entrou, uma vez por todas, no santuário, não com sangue de bodes e novilhos, mas com o próprio sangue, obtendo uma redenção eterna*” (Hb 9,11-12).

Jesus veio para fazer a vontade do Pai, que já não mais desejava sacrifícios e oferendas. Toda a sua vida, Jesus a ofereceu ao Pai. Seu alimento foi *realizar a vontade daquele que o enviou* (Jo 4,34). Na última Ceia, antecipa sacramentalmente seu sacrifício redentor no corpo dado e no sangue derramado. Celebrar a Eucaristia significa “rememorar” o mistério da aliança definitiva estabelecida pelo Pai, na oferta do Filho e no dom do Espírito Santo. É permanecer em Cristo (Jo 6,56-57).

Cristo é o sacrifício da nova e eterna aliança porque, movido pelo amor que o próprio Deus lhe inspira, entrega-se incondicionalmente para fazer a vontade do Pai. Eucaristia é sacrifício como o foi a última Ceia; sendo memorial do único sacrifício de Cristo, como ceia do Senhor, a Eucaristia é atualização, em linguagem simbólica, da entrega de Jesus. A comunhão eucarística não constitui, pois, um apêndice, algo secundário, mas participação essencial no sacrifício de Cristo.

“A Missa é, ao mesmo tempo e inseparavelmente, o memorial sacrificial em que se perpetua o sacrifício da cruz e o banquete sagrado da comunhão do corpo e sangue do Senhor... A Missa torna presente o sacrifício da cruz; não é mais um nem o multiplica. O que se repete é a celebração memorial”¹⁸.

A originalidade do sacrifício de Cristo consiste na sua radical autodoação, que torna possível a relação e a comunicação de vida com Deus e com os homens. Nesse sentido, é diferente de todos os demais: torna-se o sacrifício de todos os sacrifícios. Em sua origem é obra de Deus, mas é também ação humana. Não se trata mais de oferenda de escravo à divindade, mas da entrega amorosa do Filho, livremente assumindo a vontade do Pai: causa de Deus e do homem.

O sacrifício de Cristo e o sacrifício da Eucaristia constituem um único ato de oferta. Na Eucaristia, a entrega de Cristo se torna também a

18 JOÃO PAULO II. Encíclica *Ecclesia de Eucharistia*, n. 12.



dos membros de seu Corpo, a Igreja. A vida dos fiéis, seu louvor, sofrimento, oração, trabalho, são unidos aos de Cristo e adquirem, desse modo, um novo valor: o sacrifício de Cristo confere a todas as gerações dos cristãos a possibilidade de se inserirem no sacrifício redentor.

“Na última Ceia, na noite em que foi entregue, nosso Salvador instituiu o Sacrifício Eucarístico de seu Corpo e Sangue. Por ele, perpetua pelos séculos, até que volte, o sacrifício da cruz, confiando deste modo à Igreja, sua dileta esposa, o memorial de sua morte e ressurreição” (Sacrosanctum Concilium, 47).

7 – Eucaristia: Presença do Ressuscitado

Cristo, enviado pelo Pai, foi escolhido por Deus para nos manifestar o que ele é (Pai, Filho e Espírito Santo) e o que nós somos (pecadores chamados à vida). Na celebração da ceia do Senhor há uma presença trinitária: a Eucaristia torna-se ação de graças ao Pai, memorial do Filho e invocação do Espírito Santo. Cristo é o caminho que revela a vida eterna, porque é a Palavra do Pai e pleno do Espírito, Senhor e fonte de vida. Na celebração, a Igreja manifesta a certeza de que Cristo ressuscitado está presente e atua a salvação. Por ele, todos temos acesso a Deus.

Ele, que já conhecia a humanidade criada à sua imagem e semelhança, após ter compartilhado conosco sua história humana, até a morte e morte de cruz, ressuscitou e continua companheiro de jornada, como o foi dos discípulos de Emaús. Presença invisível, mas real; imperceptível aos olhos humanos, vivenciada à luz da fé. Presente na comunidade reunida, nos irmãos, na Palavra acolhida e na Eucaristia onde se faz, de modo particular, alimento. Caminho que nos conduz, verdade que nos liberta, vida que vence a morte.

Ao partir o pão, os discípulos de Emaús descobriram em definitivo o que já haviam percebido ao longo do caminho, enquanto ele lhes explicava as Escrituras: Jesus ressuscitou; está vivo entre nós! O Emanuel, “Deus conosco”, que se fez presença através da encarnação, está sacramentalmente presente na Eucaristia, presença que se insere na seqüência das grandes maravilhas de Deus na história.

Na celebração da Eucaristia, a pessoa de Cristo e seu acontecimento pascal se tornam acessíveis sacramentalmente à comunidade. A Eucaristia é o único sacrifício de Cristo, o da cruz, tornado presente por ele no sacramento. O sacrifício de Cristo na cruz se perpetua no sacrifício celeste



oferecido ao Pai por nós. Não somos nós que o tornamos presente: é ele que se torna presente, como seu sacrifício, para que nos deixemos envolver nele.

Cada vez que partimos o pão, como o Senhor nos mandou, ele se faz presente, ressuscitado, com toda a sua divina energia, com seu Espírito Santo, como prometeu. Ao partir o pão, a fé vê mais longe, para além dos meros símbolos humanos, para além das aparências: é o Senhor! Depois disso, o Ressuscitado pode desaparecer, porque sua presença visível já cumpriu sua missão: despertou a fé na sua ressurreição.

“No caso de Cristo, o essencial do acontecimento da cruz é sua entrega por e para, sua obediência e sua entrega ao Pai pela humanidade. O acontecimento da cruz é algo essencial à própria pessoa de Cristo: algo que já era realidade antes da Sexta-feira Santa e continua sendo depois de sua glorificação. Assim como ele não só disse palavras, mas é a Palavra, a Vida, a Luz e o Pão, ele também é aquele que se entrega: a entrega sacrificial de sua páscoa pertence à sua própria identidade para sempre”¹⁹.

São Leão Magno, Papa, ensina: “É nisso que consiste celebrar dignamente a páscoa do Senhor com os ázimos da sinceridade e da verdade: tendo rejeitado o fermento da antiga malícia, a nova criatura se inebria e se alimenta do próprio Senhor. A nossa participação no Corpo e no Sangue de Cristo age de tal modo que nos transformamos naquele que recebemos. Mortos, sepultados e ressuscitados nele, que o tenhamos sempre em nós tanto no espírito como no corpo”²⁰.

A Eucaristia, memorial da páscoa de Cristo, une todo o povo cristão e o introduz na participação da vida de seu Libertador, o novo Josué, que conduz Israel à terra prometida. É sinal de vitória e do combate na fé pela qual cada batizado pode triunfar sobre o pecado e a morte. A história da salvação se sintetiza na páscoa de Cristo, da qual a Eucaristia é o memorial vivo e eficaz. A presença de Jesus é dinâmica, uma vez que coloca o fiel na expectativa do seu retorno (Ap 22,20).

“Jesus se torna o Ausente-Presente. Sua humanidade é radicalmente transformada pela morte que ele acolhe e que, por Deus, se torna vida definitiva. Seu corpo não é mais o que se via; doravante, sobre a terra

¹⁹ ALDAZÁBAL, J. Op. cit., p. 353.

²⁰ São LEÃO MAGNO, *Sermão 12, sobre a Paixão*, 3,7.



ele se exprimirá de outro modo, através do dom do pão e do cálice e através dos discípulos assim unidos a ele. Em Jesus a aliança se realiza, tornando-se nova, e por isso mesmo, atual. Ela não é mais simplesmente promessa, ainda que seus efeitos só possam desenvolver-se no curso e no fim dos tempos. Renovando a memória de Jesus, os discípulos vão atualizar esta aliança, pois o Crucificado-Ressuscitado permanece o ponto de referência. Nele, Deus está presente, e esta presença é agora expressa pelo pão eucarístico”²¹.

8 – Eucaristia: Lava-pés

A solidariedade de Cristo está relacionada ao compromisso efetivo com os irmãos. No memorial da cruz e da ressurreição, seu amor faz-se presente e atuante em cada cristão. Na entrega de Cristo para resgatar a imagem e a semelhança divinas desfiguradas pelo pecado, encontra-se a mais significativa proclamação dos direitos humanos. Em cada Eucaristia eles são celebrados, anunciados como fruto imediato e inconfundível da participação na mesa do Senhor. É inerente ao espírito eucarístico a fraternidade, particularmente para com os mais necessitados. Se o pão deve ser repartido entre todos, não há verdadeira Eucaristia onde falta partilha.

Eucaristia é lava-pés, diaconia, serviço em favor dos irmãos. Discórdia é antieucaristia! Estar dividido, e não querer mudar, equivale a não saber distinguir o Corpo de Cristo de simples alimento (1Cor 11,28-29). Discernir o Corpo de Cristo não é apenas adorar seu Corpo e seu Sangue presentes sob as espécies de pão e de vinho, mas também servi-lo naquele que age, sofre, espera, resiste, ama e reza em cada um dos membros do seu Corpo.

“Com João manifesta-se o sentido em direção ao qual tende a prática eucarística, isto é, o amor mútuo. O testamento último de Jesus, aquele pelo qual os discípulos podem constituir sua comunidade, é amai-vos uns aos outros! O contexto pascal, a aproximação da Paixão conferem ao lava-pés e ao testamento de Jesus a seriedade e o alcance que a Eucaristia requer”²².

A Eucaristia está, pois, unida às necessidades e aos problemas da comunidade. Celebrar dignamente é ter um só coração e uma só alma. A

²¹ LÉON-DUFOUR, Xavier. Op. cit., p. 86.

²² Id., ibid., p. 312.



comunhão exige unidade, irmandade. A ceia e a cruz foram momentos essenciais da diaconia de Jesus em relação à humanidade. Para além de simples partilha, a Eucaristia vai à raiz de todos os problemas que impedem a convivência fraterna: o desamor. Constitui o sacramento social por excelência, uma vez que nele se expressa, se realiza e se celebra, como em nenhum outro, a dimensão social da fé e da vida cristã. Inácio de Antioquia repreende os que não se importam com o dever da caridade, nem atendem as viúvas, os órfãos, os oprimidos, os prisioneiros, nem saciam os que têm fome e sede (Esmirnienses, 6,2).

“Se é verdade que a vida cristã se exprime no maior mandamento, ou seja, no amor a Deus e ao próximo, é porque tem sua fonte exatamente no Santíssimo Sacramento, que comumente é chamado de sacramento do amor... O autêntico sentido da Eucaristia torna-se, de per si, escola de amor ativo para com o próximo”²³.

O lava-pés deixa claro que a última Ceia e, por conseguinte, a Eucaristia, são memoriais de uma diaconia que deverá se transformar em serviço fraterno. Vivemos numa comunidade onde partimos o pão e lavamos os pés uns dos outros? Somos todos, ao mesmo tempo, servidores e necessitados do serviço dos irmãos. Ninguém está tão acima que não precise dos outros; ninguém se encontra tão depauperado que nada possa oferecer. A Eucaristia constitui o ponto de encontro e a fonte alimentadora desses serviços mútuos.

A força do amor que emana da Eucaristia faz compreender que é preciso gastar-se em favor das necessidades dos irmãos, dos pobres, dos pequeninos, dos doentes, dos prisioneiros, dos sofredores e dos exilados. Essa comunhão desperta interesse social e solidariedade. A participação na Eucaristia deveria incentivar a participação ativa na busca da justiça e da socialização dos bens ²⁴.

João Crisóstomo é contundente ao falar da fraternidade eucarística: “Nenhum pobre esteja triste por causa de sua pobreza, porque esta festa é espiritual; nenhum rico se glorie de sua riqueza, pois em nada pode contribuir com seu dinheiro para a alegria desta solenidade. Nas festas profanas, onde tudo é abundância de vinho, mesas fartas, guloseimas, risos e toda classe de luxo satânico, com razão se vê o pobre de cabeça

²³ JOÃO PAULO II. *O mistério e o culto da Santíssima Eucaristia*, nn. 5 e 6.

²⁴ Id., *Sollicitudo Rei socialis*, n. 48.



baixa e o rico sobranceiro... Mas aqui nada disso acontece: a mesa é do rico e do pobre... Tais são os dons do Senhor: não se reparte e não se comunica segundo as dignidades e as honras, mas segundo o fervor do espírito... Na Igreja não existe diferença entre o escravo e o livre; só é escravo, segundo a Escritura, quem está sujeito ao pecado; quem é livre o é porque foi libertado pela graça divina” (*De Res. Christi*, hom 2,3).

Afirma, ainda, que a oferenda pode estar viciada em sua origem, se não provier da justiça e da dignidade: “Deus não necessita de cálices de ouro, mas de almas de ouro... De que valem os mantos bordados de ouro postos sobre a mesa (o altar), se o Cristo, no pobre, não tem com que se vestir? Tu te preocupas em enriquecer o pavimento e as paredes, enquanto o Cristo, nos pobres, está preso e acorrentado, e tu sequer o olhas...” (*in Mth.* hom 50,3-4). A verdadeira oferta está na prática da caridade e da justiça: “Tu que honras o altar sobre o qual está o Corpo de Cristo, ultrajas e desprezas, depois, em sua pobreza, aquele que também é corpo de Cristo. Este altar (Cristo no irmão) tu podes encontrar em todas as partes, em todas as ruas, em todas as praças, e sobre ele oferecer, a todo o momento, um verdadeiro sacrifício...” (*Ep 1Cor*, hom 11,19p).

Num mundo em que o egoísmo impera, a Eucaristia quer ser sinal permanente de contradição. Frequentemente, pretende-se solucionar conflitos apelando para a força das armas e, com isso, se aumenta o ódio. A aldeia global se tornou um depósito de pessoas mal-amadas. É preciso re-aprender a lição do lava-pés: servir, cingir-se de boa vontade, abaixar-se para vencer a tentação de ser mais que os outros. Lavar os pés é, ao mesmo tempo, o gesto mais trivial e mais nobre! Só lava os pés de um irmão quem tem um coração purificado pelo amor. Só é grande quem sabe se curvar para não humilhar os mais pequenos e pobres. Lavar os pés é beijar o coração!

9 – Eucaristia: Compromisso de Transformação

A refeição eucarística leva a termo a aliança de Deus com os homens, por uma íntima comunhão em Cristo, que faz de todos os que crêem um só corpo com ele. Comungar é participar da aliança que Jesus selou com Deus de maneira definitiva. A participação nessa aliança é pessoal, individual, embora tenha igualmente uma dimensão comunitária (cf. 1Cor 10,16).

Ao escolher um alimento básico e comum como sinal de sua presença, Jesus está se envolvendo com nossas necessidades materiais.



Não é coerente valorizar o sinal sacramental que Cristo escolheu e não se comprometer com os problemas do homem e do mundo, como se esse assunto não interessasse a Deus!

O mistério da Eucaristia, que não é outro senão Cristo morto e ressuscitado, verdadeiro e único Profeta, não pode senão levar-nos a dela participar profeticamente, com atitude de anúncio da notícia viva que nos salva, de denúncia das injustiças que nos matam, de esperança dos desejos que nos animam, de defesa diante das inseguranças que nos rodeiam, de amor diante dos ódios e divisões.

A Eucaristia é o coração do cristianismo; dela parte e a ela retorna toda ação pessoal e social do cristão. Ponto de referência para se construir uma Igreja que seja sinal válido para o mundo. Quando a Igreja se faz serviço, projeta horizontes novos sobre a construção do Reino e sobre a vivência do mistério eucarístico.

A Eucaristia, particularmente na assembléia dominical, é prelúdio e sinal do banquete de todas as nações (Lc 13,29). Até mesmo os excluídos socialmente são admitidos, particularmente os pecadores, todos acolhidos para participar da ceia do Senhor. Quando a caridade ou o amor não se empenham pela justiça, falta o espírito evangélico. Amor e compromisso pela construção de um mundo mais justo e fraterno são inseparáveis na vida de Jesus, e se exigem mutuamente na celebração eucarística. Eucaristia é fonte de unidade, luz para os destinos do tempo e do mundo, mistério que se realiza numa esfera temporal, referência para a encarnação dos verdadeiros valores da vida. Força e graça. Leva a sentir as necessidades dos pobres. Produz justiça e paz.

A solidariedade tão fortemente testemunhada no Evangelho é revivida em cada banquete eucarístico. Supera todas as barreiras, vence todas as divisões. A Eucaristia nos envia em missão, e a missão precisa dela se alimentar constantemente, pois as atividades dos cristãos podem gerar desgastes e até o esvaziamento das motivações evangélicas. A comunhão é fonte de energia missionária. Viver plenamente a Eucaristia significa, então, fazer com que esse encontro com o Senhor Jesus seja a razão de ser, a força e a beleza de toda nossa vivência eclesial em prol da construção da civilização do amor.

A Eucaristia constrói a nova sociedade fundada sobre o amor, fonte do verdadeiro humanismo. Motor capaz de gerar vida, e vida em abundância para todos. Nenhuma sociedade tem um princípio vital tão eficaz e profundo como a inserção misteriosa de Cristo em cada fiel.



Nenhuma comunidade cristã se edifica, nem se conserva, se não tem sua raiz na celebração da fração do pão.

Por ter uma estrutura pascal, a Eucaristia assume igualmente uma dimensão política. Celebrá-la significa assumir a luta humana em favor de uma nova sociedade. É também um problema político. Evidentemente, não se pode reduzir a paixão e morte de Cristo a uma mera perseguição político-religiosa. Também a celebração eucarística não se pode confundir com ocasião de veicular ideologias, ou de defender interesses pessoais, com insistência unilateral e abusiva em aspectos alheios à Eucaristia.

A Eucaristia contém a eficácia redentora da cruz. É sempre realidade intermediária ou convocação parcial entre o banquete pascal de Jesus e o festim universal das nações, ao qual ela necessariamente remete e prepara. A Igreja, convocada pela misericórdia de Deus, se torna, por sua vez, convocante: chama todos os homens, para colocá-los em contato com os dons recebidos, e torná-los conscientes do que lhes está reservado.

“A Eucaristia está no meio do mundo como uma fogueira no meio da noite. Opondo-se às paixões do ódio, da luxúria e da avareza, ela purifica os corações, recria o gosto pela fraternidade, desperta o dever pela ação social, restabelece as comunicações. Quanto mais a Eucaristia atua na sociedade, tanto mais essa mesma sociedade se unifica e se eleva”²⁵.

Os problemas sociais da humanidade não se resolvem somente com projetos e propósitos políticos. Enfim, quando tivermos desenvolvido todos os esforços, precisaremos dizer: *“Somos simples servos; fizemos o que devíamos fazer”* (Lc 17,10). Mas é exatamente no momento em que percebemos nossas limitações, que Deus entra em cena para transformar nossa pobre oferta em ações concretas de solidariedade. Nosso “pouco” será suficiente, e até sobrar, desde que seja nosso “tudo”. O milagre do amor uma vez mais acontecerá. A multidão será saciada!

10 – Eucaristia: Certeza de Vica Eterna

Todo memorial tem múltiplos sentidos: olhar o passado, projetando-o para o futuro, para a espera escatológica que se concentra no *hoje* da salvação. Na Eucaristia se faz memória da morte redentora de Cristo, até

25 GIORDANI, Igino. *O que significa a Eucaristia hoje*. Cidade Nova, p. 55.



que ele venha, tendo a consciência de que no hoje da celebração Cristo se faz presente e nos torna participantes de sua morte e ressurreição e nos encaminha para o seu Reino definitivo.

Em Jesus, a Páscoa de Israel se cumpre plenamente. Já se levanta no horizonte uma Páscoa definitiva, plenitude de alegria, de festa, de louvor, de ação de graças, infinita libertação, nova criação construída segundo o amor eterno de Deus. Passado um lapso de tempo, Jesus beberá de novo o vinho no reino do Pai. Nesse dia, criado para a eternidade, terá início a Páscoa definitiva, o banquete escatológico, início do mundo novo: “*Iahweh Sabot prepara para todos os povos um banquete... Ele fará desaparecer para sempre a morte, enxugará as lágrimas de todas as faces*” (Is 25,6-8).

“Na última Ceia o Senhor mesmo dirigia o olhar de seus discípulos para a realização da páscoa no Reino de Deus: ‘*Desde agora eu não beberei deste fruto da videira até aquele dia em que convosco beberei o vinho novo no Reino de meu Pai*’ (Mt 26,29). Toda vez que a Igreja celebra a Eucaristia lembra-se dessa promessa, e seu olhar se volta para ‘aquele que vem’ (Ap 1,4). Em sua oração, suspira por sua vinda: *Maraná thá, Vem, Senhor Jesus* (Ap 22,20). Venha vossa graça e passe este mundo”²⁶.

Como memorial da Páscoa do Senhor, a Eucaristia não apenas nos faz retroceder para considerar o evento que se realizou, recordando a paixão e a morte do Senhor, mas se abre para uma perspectiva futura. Enquanto esperamos sua vinda, Jesus já inaugura o novo mundo, a nova humanidade, e se inicia a transformação deste mundo em *novos céus e nova terra* (Ap 21,1). Participar do Pão eucarístico é receber o germe da imortalidade, penhor e garantia da ressurreição, da transfiguração final. A Eucaristia mantém e promove a vida natural (semente de ressurreição) e a vida da graça no amor de Deus, abrindo-se para uma plenitude cada vez maior. É o alimento de todos nós que ainda caminhamos na obscuridade da fé e na tensão da esperança.

A liturgia realça essa dimensão escatológica da ceia eucarística: “Anunciamos, Senhor, a tua morte, e proclamamos a tua ressurreição, enquanto esperamos tua vinda”! Este mistério se realiza com intensidade particular na comunhão recebida como viático²⁷. O viático sela, entre

²⁶ *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1403.

²⁷ A palavra *viaticum* designava, outrora, as provisões ou o dinheiro de que as pessoas se muniam para enfrentar o caminho (*via*).



Jesus e os seus, essa identidade de destino que cada comunhão exprime tão maravilhosamente: “*Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim e eu nele*” (Jo 6,56). Cada comunhão nos faz chegar mais perto da eternidade: “*Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna e eu o ressuscitarei no último dia*” (Jo 6,54)! Alimentados com o Pão da vida, os cristãos podem pregar as alegrias do Reino vindouro, e antecipar sua realização no tempo da peregrinação. A Eucaristia está, pois, voltada para o futuro, já experimentando, na esperança, as promessas que ainda se realizarão.

Enquanto se realiza na terra, a celebração eucarística está em contato com uma liturgia bastante mais vasta, que abrange também o céu, onde se canta e se reza conosco e por nós. Nela, por toda a eternidade, os eleitos cantarão: Santo, santo, santo, Senhor Deus do universo! O céu e a terra proclamam a vossa glória, hosana nas alturas! *Grandes são vossas obras, Senhor Deus todo-poderoso, vossos caminhos são justos e verdadeiros, ó Rei das nações* (Ap 15,3)!

A celebração da Eucaristia torna-se a festa da esperança em meio a todo sofrimento e também em meio a toda culpa. Desta grande esperança, a dos céus novos e da terra nova *nos quais habitará a justiça* (2Pd 3,13), não temos penhor mais seguro que a Eucaristia. Sua celebração torna possível a experiência pascal na vida de cada cristão. *Caminho, Verdade e Vida*, Jesus eucaristia sacia toda fome de felicidade, satisfaz toda sede de amor. Precisamos ansiosamente desejá-la, buscá-la, para que sejamos transformados naquele que assumiu as espécies de pão e de vinho, a fim de que tenhamos vida e vida em abundância!

11 – Eucaristia: Sacramento de Unidade

“Há um só Corpo e um só Espírito, assim como é uma só a esperança da vocação a que fostes chamados; há um só Senhor, uma só fé, um só batismo; há um só Deus e Pai de todos, que é sobre todos, por meio de todos e em todos” (Ef 4,4).

A Santíssima Trindade é o modelo perfeito e inatingível da comunidade eclesial. A liturgia chama este mistério de “inefável”, pois, reconhecendo a glória da Trindade, adoramos a Unidade onipotente. A unidade na diversidade, que em Deus é plena comunhão, para nós, Igreja do Senhor, constitui um ideal a ser, sempre de novo, procurado na força do Espírito (Ef 4,3).



Por esse motivo, após descrever a diversidade ministerial da Igreja como realidade não apenas tolerada, mas insistentemente desejada como expressão da multiforme graça do Espírito (1Cor 12,4-11), Paulo se detém em pôr em evidência o dom que é ponto de referência e de convergência de toda a ação da Igreja: a caridade (1Cor 12,31). Sem ela, a diversidade se torna competição, mero projeto humano de pessoas preocupadas em ocupar espaços, em ter um lugar ao sol. Onde não há caridade, a unidade se transforma em inércia, rotina, incapacidade de produzir frutos que permaneçam para a vida eterna.

No entanto, a busca da unidade não deve ceder à tentação da uniformidade, do formalismo doentio que impede as pessoas de serem elas mesmas, e de darem sua contribuição indispensável para a construção da comunidade viva e atuante. A Eucaristia, sacramento da unidade, é penhor de comunhão verdadeira na diversidade e no respeito às particularidades dos diferentes dons. Afirma Inácio de Antioquia: “Um por um, chegais a formar um só coro, para cantardes juntos, em harmonia; o tom de Deus, na unidade, cantais em unísono por Jesus ao Pai” (Efésios 4,2).

A Eucaristia torna-se, pois, ponto de partida e de chegada de todo o esforço pela unidade. Se, de uma parte, sua celebração não pressupõe unidade perfeita, de outra, não justifica que se possa celebrar sem as condições mínimas de fraternidade: “*Se estiveres para trazer tua oferta ao altar e ali te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa a tua oferta ali diante do altar e vai primeiro reconciliar-te com teu irmão: depois virás apresentar a tua oferta*” (Mt 5,23-24).

Os batizados por um só Espírito em um só corpo (1Cor 12,13) são nutridos pelo Corpo de Cristo e formam, pelo mesmo Espírito, sempre mais um só corpo (1Cor 10,17). A Eucaristia efetiva a unidade, criando as condições necessárias para a perfeita comunhão dos fiéis em Cristo. Na celebração comum, a comunidade se une na diversidade de dons, funções e ministérios.

“Para que todos sejam um, como nós somos um: eu neles e tu em mim, para que sejam perfeitos na unidade e para que o mundo reconheça que me enviaste” (Jo 17,23).

Porque a unidade é primeiramente um dom, procede do Espírito Santo. Ao dar-se na Eucaristia aos seus, Cristo torna-se sua vida, seu Espírito, o Espírito deles. Sem este dom não existe comunhão eclesial; e,



sem esta, não há comunhão eucarística. A participação no mesmo Pão e no mesmo Cálice simboliza a união dos participantes em Cristo. Repartindo o mesmo Pão, testemunham igualmente a unidade entre a Igreja local e a Igreja universal.

“Pela palavra do Evangelho do vosso Filho reunistes uma só Igreja de todos os povos, línguas e nações. Vivificada pela força do vosso Espírito não deixais, por meio dela, de congregar na unidade todos os seres humanos” (Oração Eucarística para diversas circunstâncias I).

Paulo lembra aos Coríntios: *“O pão que partimos não é a comunhão com o Corpo de Cristo? Porque somos um só pão e um só corpo, apesar de muitos, pois participamos desse único pão” (1Cor 10,16ss)*. Essa afirmação nos remete à unidade entre os cristãos que celebram a mesma Eucaristia. Todos os que participam da comunhão do Senhor têm a missão de tornar-se fonte de comunhão.

Embora Jesus-Eucaristia seja fonte de unidade, também entre as várias Igrejas cristãs que acreditam e celebram este mistério da fé, a celebração ecumênica da Eucaristia deve ser o selo definitivo da comunhão entre elas. Evidentemente, deverão ser respeitadas as diversas “formas litúrgicas” das respectivas Igrejas, uma vez mantida a indispensável unidade teológica. A participação na mesma Eucaristia exige conversão sincera de todas as Igrejas. Conversão é graça, antes de tudo; é preciso pedi-la incansavelmente e estar disposto a acolhê-la com a simplicidade de quem não tem nada a temer, mas tudo a abraçar: *“Se não vos converterdes e vos tornardes como crianças, de modo algum entrareis no Reino dos céus” (Mt 18,3)*.

Conclusão

“Eis o mistério da fé”! Esta proclamação da liturgia da Igreja traduz a dignidade inigualável do Dom da Eucaristia, onde *o Pão dos anjos fez-se Pão dos homens*. Mistério e Dom que ultrapassam não só a compreensão humana, mas também a capacidade de corresponder ao amor de Deus. A Igreja vive da Eucaristia, porque nela se celebra sacramentalmente o mistério da nossa redenção, fonte perene de vida, e vida em abundância (cf. Jo 10,10).

Ao celebrar a Eucaristia, a comunidade eclesial obedece ao mandato do Senhor: *“Fazei isto em memória de mim”*, e confirma que, ao fazê-lo, nos tornamos participantes do banquete das núpcias do Cordeiro (cf. Ap



19,7), fazemos memória da sua paixão, morte e ressurreição, partilhamos da fonte da graça e alimentamos a certeza da glória futura. A Eucaristia é antegozo dessa plenitude.

Contemplemos o mistério, e com São Tomás de Aquino cantemos:

*“Bom Pastor, pão de verdade,
piedade, ó Jesus, piedade,
conservai-nos na unidade,
extingui nossa orfandade,
transportai-nos para o Pai”!*

Bibliografia

- ALDAZÁBAL, J. *A Eucaristia*, Vozes, Petrópolis, 2002.
- AA.VV. *Scientia Liturgica*, vol. III, Piemme, Asti, 1998.
- CORBON, J. *Liturgia da Fonte*, Paulinas, São Paulo, 1981.
- DEISS, L. *A Ceia do Senhor*, Paulinas, São Paulo, 1985.
- DUFOUR, X.L. *O Partir do Pão Eucarístico segundo o Novo Testamento*, Loyola, São Paulo, 1984.
- HADDAD, A. *Eucaristia e Compromisso Social*, Loyola, São Paulo, 1985.
- JEREMIAS, J. *Le Parole dell’Ultima Cena*, Paideia, Brescia, 1973.

Endereço do Autor:
ITESC – caixa postal 5041
88040-970 Florianópolis, SC